

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA  
DOUBLE BILL  
11 de junho de 2022

## EROTIKON / 1920

um filme de Mauritz Stiller

**Realização:** Mauritz Stiller / **Argumento:** Mauritz Stiller e Arthur Norden (sob os pseudónimos anagramáticos de Rellits e Nedron), baseado no romance húngaro de Franz Herzeg "A Raposa Prateada" / **Fotografia:** Henrik Jaenzon / **Direcção Artística:** Axel Esbensen / **Guarda-Roupa:** Carl Gille / **Interpretação:** Anders De Wahl (o Professor Leo Charpentier), Tora Teje (Irene, a mulher do professor), Lars Hanson (Preben Wells, o escultor), Karin Molander (Marta, a sobrinha do professor), Vilhelm Bryde (o Barão Félix), Torsten Hemmarén (o Professor Sidonius), Vilhelm Berndtsson (o criado), Elin Lagergren (a mãe de Irene), Greta Lindgren (o modelo), etc.

**Produção:** Charles Magnusson para Svenska Filmindustri / **Distribuição:** Svenska Filmindustri / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, mudo, com intertítulos em sueco, traduzidos em português, tirada a partir do restauro efectuado em 1991, pelo Svenska Filminstitutet, com recuperação das tintagens e viragens originais, 98 minutos (a 16 imagens por segundo) / **Estreia Mundial:** Estocolmo, a 8 de Novembro de 1920 / Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação, no nosso País, a 30 de Junho de 1978, no Auditório Dois da Fundação Calouste Gulbenkian, por ocasião de uma retrospectiva do Cinema Mudo Sueco.

---

**Erotikon**, é apresentado em "double bill" com **Angel**, de Ernest Lubitsch ("folha" distribuída em separado).

Com acompanhamento ao piano por João Paulo Esteves da Silva

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos

---

Após as famosas comédias da série "Thomas Graal", Stiller abordou as grandes sagas e os grandes espaços naturais (na linha aberta por Sjöström em **Os Proscritos**) e realizou a obra maior do cinema sueco: **O Tesouro de Arne** (1919). Assinou ainda (no mesmo ano de **O Tesouro**) **A Vingança de Jakob Vindas** (de novo com Lars Hansson e Karin Molander), antes de, em 1920, realizar a que seria a última e mais famosa das suas comédias: **Erotikon**.

À época, na Suécia, parece que este regresso a um género considerado comparativamente menor (na tradição de "grande arte" que os cineastas escandinavos haviam conquistado), não foi muito bem recebido, como igualmente suscitou muitos reparos a "imoralidade" da "história" reforçada por um título, para os anos 20, pouco usual. Depois, o filme conquistou a reputação que tem e foi sobretudo devido a ele que se divulgou a história genealógica do *Lubitsch Touch*, ajudada pelo testemunho do próprio e de seus discípulos.

Na origem está um romance da Europa Central e do então recém-extinto império dos Habsburgos (o que pode ajudar a dar pistas para outras genealogias e outros tentadores paralelismos) convertido em argumento pelo próprio Stiller e o seu grande amigo, o professor de história Arthur Norden, usando, para o efeito, o pseudónimo dos seus apelidos invertidos. Na resultante, a melhor de todas as comédias de Stiller, efectivamente pré-lubitschiana, de uma incomparável corrosão e de uma incomparável "maldade". Servido por duas colossais actrizes - Tora Teje, intérprete de alguns clássicos de Sjöström e Karin Molander, a intérprete das comédias de Stiller dos anos anteriores, e também actriz de Sjöström - Stiller vai trabalhando as cartas numa história de *ménage à quatre*, mais uma vez com um admirável sentido de eclipse, um pleno aproveitamento

dos intertítulos (toda a atenção é pouca para os desenhos destes e para o que eles acrescentam à "maldade" da história) e a edificação dum assombroso *décor*.

Nesta história de escaravelhos e gentes (em que as duas espécies são tratadas com a mesma distância e a mesma visão sofisticadamente divertida) abundam os "achados" inovadores, na mesma direcção e com o mesmo sentido dos que já caracterizavam comédias anteriores. Citemos, apenas, para exemplo, a "subida ao céu com o Barão Félix", as variações sobre o laço da casaca (com o equivalente no subir do fecho do vestido de Tora Teje), o episódio culinário (as couves recheadas), a disposição dos dois "casais" no sarau "pianístico" (com a espantosa figura de Professor Sidonius e a moeda que este dá a Karin Molander), os assombrosos planos do camarote, a criação do baile do orientantalista "Schaneme e o Xá" (maravilhoso herdeiro das *féeries* de Méliès) o *raccord* entre o bailado e o prólogo de "Os Palhaços", a cena da Masquerade Street (Rua da Mascarada), o modo como funcionam os *bibelots* na grande cena Tora Teje - Lars Hansson, o genial aproveitamento das escadas (com a descida de Tora Teje), a despedida da "mulher adúltera" (o acenar dos lenços), a sequência dos telefonemas, etc., etc. A invenção é permanente e seguem-se os "achados" formais mais inesperados para subverter todas as situações e não dar qualquer guarida ao convencionalismo.

Mas os mais surpreendentes estão na sequência do *ballet* conferindo mais explícito sinal à carga de "representação" sobre a qual tudo se processa. Stiller preparou longamente essa cena e não se limitou a filmar um espectáculo: o "ballet" foi especialmente concebido para o filme, com encenação do *art director* Axel Esbensen e inspirado nos "ballets" russos que então faziam furor. Os mais conhecidos bailarinos suecos desse tempo foram contratados para o dançar. Durante a representação, o realizador guarda-se de conotações demasiado fáceis. Mas, na sequência dos "ciúmes", recorreu explicitamente a uma imitação do que já vimos (com momentos geniais de Tora Teje) para nos dar, no plano dela, no chão e na "cena" com o colar, o equivalente do mesmo artifício.

Só que, como antes já sabíamos, o professor não gostava de peças que acabavam mal ("como o público do cinema") e já sabíamos que esses desfechos eram igualmente pouco apreciados por todos os outros comparsas, à excepção do sempre enganado Lars Hansson. O qual insiste na "história de muito mau gosto" (o duelo, depois aproximado da sequência do boxe), até se deixar converter à mesma aparência, quando finalmente agarra Tora Teje pelos cabelos e "entra" também no outro registo da representação: o que se desenrola frente a salas vazias ou espelhos, em que cada um não pretende buscar mais que a sua sempre duplicada imagem, através de interposta pessoa que, "com melhor gosto", lha devolva.

O que de resto, não há qualquer razão para tomar menos a sério que o grande vôo lírico anterior de **O Tesouro de Arne** ou o seguinte de **Casa Solarenga**. Só que é muito raro ver um realizador ser capaz de se aguentar em tão diferentes registos.

E percebe-se o que Lubitsch foi beber a esta história da espécie de escaravelhos que "manda a verdade que se diga" às vezes tem três mulheres, sempre duas e jamais uma. Como a intertítulos do género daqueles em que o protagonista, recusando o convite do Barão Félix para trocar o automóvel dela pelo dele lhe responde: "Hoje, não quero causar ciúmes a mais ninguém, senão aos arcanjos".

Ou a última mensagem de Irene para o marido: "Que esteja tão feliz como eu estou". E pela primeira vez o professor comeu couve recheada... "Pouca sorte", como ele diz, ou muita sorte?

**Erotikon** é a matriz das comédias de alcova de Hollywood dos anos 20. Lubitsch, algum DeMille, o Chaplin de **The Woman of Paris**, Monta Bell e muitos mais vieram aqui aprender tudo e perceber que, em cinema, graças à elipse, a irrisão e a subversão podiam ir muito mais longe do que no teatro. Sem tragédias.

JOÃO BÉNARD DA COSTA